

DA PARTE ALTA A PARTE BAIXA: um estudo sobre a circulação e o fazer-cidade de mulheres em Maceió (AL)¹

Júlia Maria Paredes, PPGA/UFPB/PB

Palavras-chave: Circulação cotidiana; Experiências urbanas femininas; Maceió.

Introdução

O ponto de partida deste artigo é, ironicamente, o ato de partir. Tanto partir de um lugar para outros, no sentido de deslocar-se entre espaços, como repartir algo, dividir, porcionar e separar em partes. Quando me refiro ao ato de partir como um deslocamento, busco evidenciar o argumento principal de minha análise: os deslocamentos que realizamos em nossos cotidianos citadinos, constituídos por diferentes movimentos e nuances, compõem os repertórios de nossas experiências urbanas. Já quando proponho o “partir” como um sinônimo de “dividir” e “separar”, lanço luz aos cenários urbanos de onde estas observações acontecem: numa cidade dividida e dicotomizada através de duas distintas composições. Concordando com Michel Agier (2015) ao afirmar que as cidades são constituídas e formadas por movimentos e que estes configuram processos constantes de fazer-cidade, este trabalho objetivou compreender a circulação cotidiana de mulheres residentes da parte alta de Maceió, pela parte baixa desta cidade.

Em Maceió, cidade onde eu nasci e por onde também circulo desde sempre, a divisão “parte baixa” e “parte alta” refere-se a uma condição topográfica que identifica respectivamente a região das planícies litorâneas-lagunar e a região do tabuleiro costeiro que se estende por uma elevação, formando um platô. Essas duas nomenclaturas por sua vez surgem do reconhecimento geográfico desses espaços, um artifício de classificação amplamente utilizado e legitimado pelos maceioenses. Na parte baixa encontram-se bairros rodeados pela costa das praias urbanas e pela Lagoa Mundaú, com destaque ao principal centro da cidade e aos bairros nobres que entornam a planície-litorânea norte, espaços de grande concentração de atividade turística; e na parte alta, por sua vez, se localizam os bairros mais distantes do centro, urbanizados mais tardiamente e que figuram grandes números de complexos habitacionais, grotas² e periferias.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

² “Grotas” é o termo popularmente utilizado em Maceió para as favelas localizadas nas formações geográficas características da geomorfologia da cidade. Diferentemente das favelas que se constroem em morros e elevações, as grotas são depressões de relevo.

As estigmatizações territoriais (Wacquant, 2017) e diferenciações que surgem a partir do binômio “parte alta” e “parte baixa” conduziram à formulação inicial desta pesquisa (ainda em andamento), pois tais distinções se expressam não somente em seus limites físicos, mas também influenciam diretamente as experiências urbanas dos sujeitos e seus processos de fazer-cidade, produzindo e endossando nos espaços urbanos uma série de distanciamentos entre os sujeitos, estes que por sua vez se diferenciam também pelo gênero, geração, raça, classe, sexualidade, religiosidade, e outros aspectos. Considerando que nossos repertórios urbanos são confeccionados através dos trajetos, percursos e demais movimentações que exercitamos no cotidiano, e levando em conta que as subjetividades e os marcadores da diferença também influenciam na experiência urbana e se colocam em meio ao fazer-cidade, me interessou questionar: Como são constituídos os repertórios urbanos das pessoas que residem na parte alta de Maceió? Quais são as especificidades que se apresentam entre esses territórios? Até que ponto essa dicotomia interfere na construção do fazer-cidade destes sujeitos? E, enfim, como mulheres que residem em bairros da parte alta estão circulando pela cidade?

Sendo o fazer-cidade um fenômeno plural e também desigual, a compreensão de que as cidades também produzem e reproduzem assimetrias a partir da diferença (Brah, 2006) é imprescindível para entender as experiências urbanas enquanto vivências interseccionais. Não apenas considerando questões que dizem respeito à mobilidade urbana, o reconhecimento de vulnerabilidades, medos e inseguranças que partem da condição de “ser mulher” (sendo essa uma experiência múltipla), também se colocam no caminho das trajetórias urbanas femininas. Partindo da análise das desigualdades de gênero, raça, classe e afins materializadas nas dinâmicas cotidianas da vida nas cidades, é necessário lançar luz a como essas disparidades se estruturam nos repertórios urbanos das mulheres. Visto que esta pesquisa parte primordialmente da circulação de mulheres residentes da parte alta de Maceió e seus trânsitos por entre os espaços da cidade, o esforço de compreender como o fazer-cidade incide na produção de suas subjetividades é fundamental para tecer as “*caminhografias*” (Beltrame dos Santos, Forneck e Sebalhos, 2019) dessas circulações femininas.

Pontos de partida: percursos e caminhos iniciais da pesquisa

Pensando a cidade a partir de uma perspectiva que considera o movimento cotidiano dos sujeitos como um conjunto de práticas significantes inventoras de espaços, Michel de Certeau (1994) afirma que andar pela cidade é o que faz ela própria se espacializar. O

caminhar, até então compreendido enquanto uma representação ordinária da vida cidadina, acaba por produzir diferentes sentidos constituintes do tecido urbano que possibilitam a construção, reconstrução, invenção e reinvenção da cidade. Se nessa perspectiva “o jogo dos passos moldam espaços” (p. 176), então a circulação ganha significado e se constrói como parâmetro da experiência urbana do sujeito através dos propósitos, motivações, intencionalidades e tudo aquilo que se coloca nos processos de deslocar-se de um lugar de origem para outros, formulando sentidos e repertórios citadinos.

Estes repertórios são confeccionados a partir do que De Certeau chama de “retórica da caminhada” (p. 179), um conjunto de percursos variáveis, estratégias, reconhecimento de espaços e formas de circular que o sujeito aciona em sua caminhada. As estratégias, possibilidades e preferências ao circular são nuances da retórica da caminhada que acabam por produzir sentidos e significados aos espaços da cidade a partir de diferentes sensibilidades transeuntes. A cidade, assim concebida como um conjunto de práticas e processos que se espacializa a partir das relações entre seus habitantes, também se vale de um movimento permanente de transformação no espaço e no tempo que recebe a alcunha de “fazer-cidade” por Michel Agier (2015), considerando que é através da compreensão do fazer-cidade que podemos observar experiências concretas nos espaços citadinos.

A cidade, portanto, se apresenta enquanto variável geradora de diferentes efeitos nos sujeitos, formando um campo fértil para investigação antropológica através de uma vastidão de possibilidades de observação em meio à diferentes cenários, espacialidades, personagens, comportamentos, hábitos, crenças e valores (Magnani, 2002) que compõe e formulam o meio urbano a partir de diferentes configurações. A premissa de investigar a circulação cotidiana de mulheres que residem na parte alta se deu através do contato com amigas, colegas e vizinhas que diariamente partilham das aflições e dificuldades de “morar longe” dos locais de trabalho e de alguns circuitos de lazer e centros comerciais, entre outros espaços de sociabilidade da capital alagoana. Elas, partes constituintes de todo o escopo etnográfico desta pesquisa, são mulheres que fazem parte da minha vida em diferentes ciclos e níveis de proximidade e relação, e que principalmente compartilharam comigo a condição de residirem na parte alta, ainda que atualmente eu não more nesta localidade.

Entre os meses de janeiro e maio de 2024 percorri frequentemente os trajetos cotidianos de quatro mulheres que residem na parte alta de Maceió e, junto a elas, transitei pelos espaços da cidade a partir de seus itinerários. Ainda que eu conhecesse previamente os bairros onde elas moram, trabalham e circulam, a ideia de acompanhá-las não se esgotou nos processos de mobilidade urbana somente. Me interessou compreender suas motivações e

finalidades, seus anseios, confortos e distrações, as estratégias que utilizam para driblar o cansaço, suas inseguranças, as ruas as quais evitam passar, as ruas que passam diariamente, a relação com seus próprios bairros e espaços domésticos e a percepção que têm a partir do aparente contraste das localidades da parte alta e da parte baixa. Com isso, busquei compreender a circulação cotidiana dessas mulheres a partir do próprio ato de circular.

O trabalho de campo consistiu em acompanhá-las em seus trajetos desde a saída de suas casas até a chegada em seus locais de trabalho, bem como nos caminhos inversos do trabalho para casa, incluindo possíveis desvios de rota, algumas saídas para lazer e, em alguns casos, a minha permanência total em alguns itinerários, relatos que explicarei no desenvolver dos próximos capítulos. Durante esses trajetos tive inúmeras conversas informais com essas mulheres, onde debatemos assuntos sobre mobilidade urbana, qualidade do transporte público da cidade, tempo, trabalho, rotina, estudos, família, espaço doméstico, cansaço, acesso ao lazer, direito à cidade, o crime ambiental urbano cometido pela Braskem³, questões de saúde mental, machismo, assédio, transfobia, diferenças entre parte alta e baixa, e sobre o trajeto em si, entre outros diálogos.

Estes acompanhamentos foram orientados a partir da ideia de etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2013), que consiste na investigação dos fenômenos e espaços urbanos através de deslocamentos sistematicamente orientados por seus territórios, uma sensibilidade transeunte que a etnógrafa aciona ao transitar pela cidade (neste caso, em minha própria cidade) buscando interpretar as formas e figurações de vida social urbana a partir da descrição de itinerários e representações que surgem das observações etnográficas. Meu objetivo foi observar e refletir sobre essas múltiplas trajetórias urbanas e formas de circular pela cidade a partir não só do relato ou da partilha de experiências, mas também do meu próprio movimento junto aos movimentos delas.

Alinhada à ideia de exercitar a etnografia de rua através dos acompanhamentos cotidianos, tenho produzido fotografias junto às interlocutoras em vias de construirmos

³ Este fato diz respeito ao afundamento do solo nos bairros do Pinheiro, Bebedouro, Mutange, Bom Parto e Farol na cidade de Maceió, sendo considerado um dos maiores desastres ambientais urbanos em curso no mundo. Os bairros do Farol e Pinheiro encontram-se no início da parte alta da cidade, já os demais concentram-se nas proximidades da Lagoa Mundaú, parte baixa. A degradação do solo que compreende extensas quilometragens ao longo da capital alagoana se dá em virtude de décadas de extração predatória do minério não-renovável de sal-gema por parte da mineradora Braskem, ocasionando a eclosão de rachaduras e fissuras em diferentes edificações desses bairros, bem como tremores de terras que evidenciaram em 2018 o estopim do problema. Desde então, milhares de famílias foram forçadamente realocadas de suas casas pela iminência de desabamento do solo registrada por órgãos competentes, e a Braskem, responsável por destinar indenizações e ações compensatórias a essas famílias, segue impune e em plena atividade industrial no estado. Uma das interlocutoras desta pesquisa passou a morar na parte alta depois de ter que sair de um desses bairros.

conjuntamente caminhografias de seus trajetos, cartografias que tematizam suas circulações cotidianas através de imagens. A fotografia nesta pesquisa⁴ é compreendida não apenas como um recurso de registro do trabalho de campo, mas também pensada e articulada enquanto um artifício de alteridade entre as intersubjetividades dispostas no trabalho etnográfico (Novaes, 2021), compondo um universo de representações. As partilhas dessas experiências de caminhar pela cidade que atravessam a mim (enquanto pesquisadora) e às outras mulheres acabam por situar os sujeitos desta pesquisa numa relação de alteridade que surge a partir da “adição de subjetividades” (Gonçalves, 2008) que se corporificam em cada sujeito e se estabelecem nas relações envoltas no fazer etnográfico.

Entre mapas e fotos: proposta de construção de cartografias através de imagens

Partindo do pressuposto de que a etnografia se constrói através de representações imaginativas que surgem dos efeitos da própria pesquisa de campo, a fotografia “compartilhada”⁵ na pesquisa é pensada enquanto proposta metodológica de trabalho etnográfico assentada no objetivo de construir de múltiplas representações e narrativas imagéticas acerca do campo. Considerando que a etnografia, nos termos de Marilyn Strathern (2017), possibilita suas representações narrativas acerca de diferentes corporalidades justapostas em uma dada realidade etnográfica, a viabilidade de se exercitar um *devoir-imagético* (Gonçalves e Head, 2009) numa etnografia sobre corpos em trânsito na cidade pode ser interessante na medida em que essas representações se construam a partir de narrativas imagéticas visuais múltiplas, construídas não apenas a partir do olhar da antropóloga, mas também a partir dos olhares das mulheres que ocupam esses corpos transeuntes.

Sendo a circulação enquanto um processo formulado a partir de diferentes representações, a etnografia de rua esteve totalmente alinhada à prática fotográfica em um endereçamento que propôs uma produção imagética compartilhada entre as mulheres que circulam entre a parte baixa e parte alta de Maceió nesta pesquisa: elas e eu. Essa produção imagética compartilhada alinhada à uma prática etnográfica também pensada a partir de uma antropologia compartilhada se consolida, portanto, como proposta de exercitar um trabalho

⁴ Me interessou compôr as representações sobre a circulação cotidiana dessas mulheres a partir de fotografias também porque esta é uma prática com a qual já tenho bastante familiaridade por ser fotógrafa e por desenvolver trabalhos em Fotografia de Rua e Fotografia Documental Urbana com frequência.

⁵ Categoria mobilizada a partir da ideia de “Antropologia Compartilhada” em Jean Rouch, elucidada no texto de Marcos Gonçalves “*O Real Imaginado – Etnografia, Cinema e Surrealismo em Jean Rouch*” (2008).

produzido a partir de duas partes ativas, um repertório que narra através de imagens as relações dispostas nas tramas urbanas dessas mulheres, desenhando-as em cartografias da circulação que aqui chamo de caminhografias.

Pensar nos termos de uma caminhografia urbana (Beltrame dos Santos et. al, 2020) significa propor a composição de cartografias através da circulação de pessoas visando a elaboração de *mapas de afetos* que ilustram os percursos a pé e, partindo do contexto etnográfico desta pesquisa, demais trajetos percorridos a partir de diferentes sensibilidades transeuntes, meios de transporte e formas de se locomover pela cidade. As autoras afirmam que, sendo a caminhografia um método de escrita urbana, é possível reconhecer a cidade através dos diversos procedimentos cartografados, ainda que estes sejam correspondentes aos caminhos particulares do sujeito, promovendo a compreensão de que a subjetividade coletiva pode constituir os espaços.

Desenhar caminhografias e cartografias urbanas partindo da experiência de mulheres que circulam pela cidade incide na preocupação de levar em conta não apenas os trajetos e percursos em si e suas redes de afetos, sentidos e retóricas da caminhada, mas é primordial considerar as interferências, inseguranças e impermanências (Lyra, 2019) que rodeiam a circulação das mulheres em Maceió. Implicações de diferentes ordens relacionadas à negação da presença, permanência, segurança e livre circulação das mulheres são características que exprimem as desigualdades das cidades, obliterando a experiência urbana feminina a uma condição de disparidade e subalternidade sublinhada pelo gênero.

A circulação cotidiana não é uma experiência homogênea. Nem entre homens e mulheres, e nem entre mulheres. Sendo um aspecto corriqueiro que incide diretamente no fazer-cidade, as implicações para a circulação urbana são características que exprimem as desigualdades das cidades e que interferem diretamente no repertório urbano dos sujeitos. Pensar a interseccionalidade como um prisma que reflete diferentes dimensões de mulheridade é um acionamento teórico que faço para compreender que a mulher que circula pela cidade o faz com um corpo racializado, generificado, territorializado e interpelado por tantas outras dimensões que incidem na diferença como fator de criação de subjetividades e identidade (Brah, 2006). A interseccionalidade aqui funciona como a lente de observação que busca compreender e interpretar os problemas oriundos às práticas urbanas; e também é a objetiva⁶ pela qual as representações e narrativas imagéticas cidadinas das interlocutoras se transformam em cartografias e caminhografias da experiência de circulação por Maceió.

⁶ Em alusão às lentes de câmeras fotográficas.

Considerações finais

As discussões suscitadas neste breve artigo representam o escopo de uma pesquisa em andamento, visando ampliar e refletir através de maiores contribuições ao longo das partilhas que serão construídas ao longo do Grupo de Trabalho. No curso do trabalho de campo e suas referidas reflexões à posteriori, busquei executar sensibilidades etnográficas que se exercitaram através da transitoriedade não só dos corpos propriamente ditos, mas também do deslocamento de uma lógica de autoridade etnográfica, a partir da soma e junção de representações que incidem na formulação e reflexão sobre as experiências urbanas femininas em um contexto dicotômico de cidade. Ademais, os desdobramentos desse trabalho seguem em construção e poderão ser melhor observados e interpretados no decorrer da finalização do processo de pesquisa.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** [online], v.21, n.3, p. 483-498, 2015

BELTRAME DOS SANTOS, T.; FORNECK, V.; FRASSON SEBALHOS, C. O CORPO-MULHER QUE CAMINHA: Caminhografia na cidade de Pelotas. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 3, n. 11, 26 jan. 2020.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, 2006.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano**, artes de fazer. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Anna Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. 1a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

GONÇALVES, Marco A. **O Real Imaginado** – Etnografia, Cinema e Surrealismo em Jean Rouch. 2008.

GONÇALVES, Marco A. & HEAD, Scott (orgs.) **Devires Imagéticos**. Faperj/7 Letras, 2009.

LYRA, Júlia de Freitas Correia. (Im)permanências e (in)seguranças da mulher na cidade: Pensando os espaços públicos a partir de uma perspectiva feminista no bairro da Jatiúca – Maceió/AL. **Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas**. Alagoas, 2018
Disponível em: [https://issuu.com/julialyra0/docs/tfg - imperman ncias e inseguran as](https://issuu.com/julialyra0/docs/tfg_-_impermanencias_e_inseguran_as).
Acesso em: 10 jul. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Brasil, 2002.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Por uma sensibilização do olhar – sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo. **Revista GIS - Gesto, Imagem e Som**. São Paulo, v. 6, n.1: e-179923, 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Tradução: Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2017. 576p.

WACQUANT, Loïc. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto**, 16. 2017